



**REVISITANDO A LITERATURA GÓTICA:  
O MOTIVO DA VIOLÊNCIA NO ROMANCE *MOÏRA*, DE JULIEN GREEN**

Rogério Lobo Sáber (UFMG/Univás)

Julio Jeha – orientador (UFMG)


**Resumo:** Interessa-nos investigar o motivo da violência no romance *Moïra*, publicado pelo escritor franco-americano Julien Green em 1950. Ao desenvolver-se na obra e ao relacionar-se com outros personagens em cenários que acentuam a constante opressão interna, Joseph Day, o protagonista, denuncia-se marcadamente violento. A violência para o jovem estudante é, a um só tempo, uma reação ao aprisionamento ideológico-espiritual e uma tentativa de rompimento com a mesquinhez da realidade material. A análise do tema eleito abre caminhos para que sejam avaliadas criticamente as escolhas estéticas feitas por Green ao visitar a literatura gótica canônica.

**Palavras-chave:** Julien Green. Violência. Literatura gótica.

*Normalmente isso é um bom sinal porque a raiva, minha  
filha, é uma forma do desejo e nada está mais próximo  
das carícias do que os golpes.  
(Moïra, Julien Green)*

Publicado em 1950, o romance *Moïra*, do franco-americano de expressão francesa Julien Green (1900-1998), revisita a tradição literária gótica, sobretudo por explorar uma topografia e uma psicologia da opressão. Nosso trabalho investiga, pela óptica do protagonista Joseph Day, os tipos de violência que Green prioriza no texto, sua importância para a construção de um cenário opressor e como os atos de violência se resolvem a partir da cosmovisão greeniana.

Joseph Day é filho de um camponês e, aos dezoito anos, muda-se para uma cidade maior, a fim de frequentar a universidade. Mrs. Dare é a primeira anfitriã desse rapaz ruivo, que vem de um estado vizinho e que se instala em um “quarto de teto baixo com paredes cobertas com um papel amarelado e desbotado” (GREEN, 1951, p. 12, tradução nossa). Esse restrito cenário que une Mrs. Dare e Joseph Day, para além de sua caracterização decadente – primeira peculiaridade que nos permite afiliar a obra de Green à literatura gótica –, fomenta a manutenção de preconceitos: é Mrs. Dare que, logo no início do romance, julga Joseph Day por seu fenótipo, associando o fato de ser ruivo a um inato mau cheiro: “Questionou novamente a si mesma: ‘Teria mau cheiro? Os ruivos



costumam apresentar fedor. Isso não seria suportável. [...]” (GREEN, 1951, p. 12, tradução nossa). Dentre as várias problematizações referentes à natureza e à convivência humanas propostas por Green ao longo do romance, a primeira é instaurada quando Joseph Day não valida a crença de Mrs. Dare, posto que não espalha, pela casa, o suposto mau cheiro atribuído aos ruivos e atestado pelas más línguas.


A limitação geográfica dos personagens equivale, neste romance de Green, à limitação ideológica e, se o estudante é vítima do preconceito de sua anfitriã, também esta torna-se alvo do pré-julgamento do rapaz. Mrs. Dare fuma e, não bastasse esse hábito duvidoso à moral, esforça-se por manter o rosto sempre pintado, duas iniciativas que, para Joseph Day, jamais poderiam ser tomadas por uma mulher de respeito. Estabelece-se, portanto, de forma imediata, um preconceito recíproco: Mrs. Dare, para Joseph, precisa ser salva porque é uma mulher pecaminosa, a confirmar-se por hábitos nada morigerados; Joseph, por sua vez, suscita o nojo de sua anfitriã logo ao primeiro contato.

A educação puritana recebida pelo protagonista figura, na obra, como instrumento de opressão existencial, uma vez que o obriga a respeitar o código familiar sob qualquer circunstância, mesmo quando, à mesa de refeições, Joseph tem de ser condescendente com Simon Demuth, estudante de arte que vive atacando o que, a seu ver, consiste no estúpido modo de vida sulista. Apesar da irritação causada por Simon, Joseph mantém-se calado, em respeito aos bons modos aprendidos, que preceituam e nutrem uma postura que reserva resignação a qualquer adversidade enfrentada:

[Joseph] mordeu os lábios diante da ideia de ter de suportar durante todas as refeições um vizinho tão molesto, mas seu empenho em não ofender ninguém o inspirava a atos de complacência que logo costumava lamentar [...]. (GREEN, 1951, p. 18, tradução nossa)

Nos episódios iniciais do romance, a submissão a essa complacência imposta pela educação familiar pode ser atendida por Joseph; no entanto, com o desenrolar da trama, a contenção dos sentimentos torna-se iniciativa sufocante, que obriga o personagem a irromper em atos de fúria.

Vislumbramos, na cena da refeição inicial, essa reação-chave de Joseph Day (qual seja, a de submissão), e a opção por manter-se calado em face dos comentários depreciativos de Simon antecipa a constatação de que Joseph é um rapaz que, devido à sua criação familiar e religiosa, reprime seus sentimentos e desejos. Desde o início da



obra, empenha-se em manter uma conduta moral que se quer impecável, baseada em um código cavalheiresco: promessas não podem ser quebradas, assim como não podem ser rompidos, em hipótese alguma, os preceitos religiosos.


Tão rígida é a conduta puritana que Joseph tenta manter que jamais o rapaz consegue dirigir seu olhar às estátuas gregas despidas localizadas à entrada da universidade que frequenta. A rejeição às estátuas nuas antecipa, no escopo do romance, outra variação da opressão que acomete o personagem: trata-se da renúncia à fatalidade da carne. Apolo de Fídias e Hermes de Praxíteles são, para Joseph, ídolos abomináveis a serem destruídos, assim como foram destruídas as sensuais e indecentes páginas de *Romeu e Julieta*, de Shakespeare, lidas para as aulas de literatura inglesa:

Mas que paixões? A bem da verdade, não possuía nenhuma. Quando se fala de paixões, se quer dizer amor e ele nunca havia se apaixonado. Ainda que não quisesse confessá-lo, porque Shakespeare é Shakespeare, a história de Romeu e Julieta pareceu-lhe ingenuamente idiota: esses amores clandestinos, essa violência, esse suicídio duplo, quantas faltas graves, imperdoáveis, talvez. (GREEN, 1951, p. 54, tradução nossa)

A leitura integral do enredo permite-nos compreender por que Joseph abomina, com tanta veemência, essas páginas “ídiotas” da obra shakespeariana. Subjacente ao discurso puritano do estudante, encontra-se a negação das próprias paixões que a obra inglesa é capaz de revelar em seu espírito. Os episódios passionais criados e explorados por Shakespeare aguilhoam Joseph, que custa a querer (e a poder) aceitar-se como adolescente movido por um impulso sexual igualmente ardente. Iniciativas autoimpostas para negação de sua corporeidade são constantes:

A partir da infância se despia na escuridão e evitava sempre olhar seu corpo, mas naquela noite não pôde deixar de ver a brancura de seus membros. Até sem luz, reconhecia a forma de seus braços, de seus joelhos. Certa vez seu pai lhe disse que o corpo levava ao inferno e que a alma era o céu. Era verdade: o corpo era o inimigo do cristão. (GREEN, 1951, p. 127, tradução nossa)

O personagem não consegue vislumbrar uma existência que alie o espírito à carnalidade, atalho que conduz à punição eterna. Por conseguinte, são constantes seus questionamentos em relação à religião, à existência e à (não) intervenção de Deus na vida dos homens, personagens trágicos lançados em um mundo depravado, caótico.




Seus questionamentos existenciais tomam forma, sobretudo, quando o rapaz passa a conviver com estudantes boêmios – como Frank Mac Allister, que é dado ao alcoolismo e ao sexo – e toma conhecimento das aproximações sexuais possíveis nos prostíbulos locais. Os eventos da realidade e uma parcela significativa dos outros personagens agem como demônios que tentam Joseph constantemente.

Em *Moira*, de Green, o espaço cênico claustrofóbico revisita as convenções góticas, atuando como agente de opressão. Sejam notados, em especial, os móveis do “quarto austero” do estudante, espaço que se assemelha à “cela de um monge ou [à] de um prisioneiro” (GREEN, 1951, p. 32, tradução nossa). Em primeiro plano, encontramos o aprisionamento físico ao qual está submetido o personagem; em segundo nível, o centro da discussão corresponde ao seu aprisionamento existencial.

O primeiro ato físico de violência protagonizado por Joseph Day corresponde à briga com Bruce Praileau, estudante que o insulta devido à cor avermelhada de seus cabelos. Joseph é, então, movido por “uma força cega” (GREEN, 1951, p. 34, tradução nossa), o que já antecipa – pela técnica literária de *foreshadowing*, uma das prediletas da literatura gótica – as frequentes investidas que a ira realizará sobre o garoto. A passionalidade de Joseph acaba sendo reconhecida pelo próprio personagem ao afirmar que: “às vezes me enfureço [e] então não me dou conta do que faço” (GREEN, 1951, p. 100, tradução nossa). Por mais que o personagem intente controlar-se e sufocar seus impulsos de fúria, mais ardilosos esses rompantes se tornam à medida que Joseph vivencia e testemunha situações que acentuam a profunda cisão que se estabelece entre seu código moral puritano e o caos moral mundano.

Dentre o grupo de estudantes com quem convive, o único amigo que se torna admirado por sua postura comedida é o amorfo David, rapaz que deseja tornar-se pastor religioso e que, durante o romance, atua como um guia espiritual de Joseph. É o único companheiro com quem o protagonista se dispõe a discutir profundas questões de ordem religiosa. David esforça-se também por tentar dissolver o excesso de puritanismo de Joseph, reforçando, ao amigo, que “o mundo é impuro” e que é preciso “resignar-se” (GREEN, 1951, p. 91, tradução nossa). No entanto, se a mensagem de David é em prol de uma flexibilização existencial, capaz de permitir uma compreensão mais ampla das limitações da natureza humana, Joseph continua a observar a realidade de forma



distorcida e sem remissão, sobretudo porque, a seu ver, “as almas estão presas no barro” (GREEN, 1951, p. 105, tradução nossa).


Outro sentimento opressor que se impõe a Joseph Day é o rancor. Sulista altivo que é, experimenta vergonha e orgulho ferido ao longo da narrativa, principalmente quando David, ao reconhecer a condição maltrapilha de suas roupas, decide doar-lhe vestimentas novas e de considerável valor. Joseph ressent-se ao reconhecer que não pode escapar-se da caridade do amigo, tornando-se devedor de obrigações.

O ressentimento manifesta-se ainda por uma frieza calculada que é paradoxal à cor de fogo de seus cabelos e à sua verdadeira natureza passional, ainda reprimida. Após diversos colóquios com David, Joseph dispõe-se interiormente a abraçá-lo, embora sempre se contenha a tempo de levar a cabo tais demonstrações afetivas. A opressão de uma educação patriarcal exerce também influência sobre o estudante na forma de sua crença na imobilidade dos papéis sexuais: à parte quaisquer eventos, “homem não chora” (GREEN, 1951, p. 80, tradução nossa) e não lhe é dado demonstrar qualquer forma de sensibilidade. Não obstante, a cobrança pelo cumprimento do papel masculino reflete-se no escárnio dos colegas, que zombam do fato de que Joseph é um ridículo homem virgem “que tem medo das mulheres” (GREEN, 1951, p. 109-110, tradução nossa).

Um dos desejos mais lancinantes de Joseph diz respeito à urgência da fuga dos limites impostos por sua criação. Precisa também pôr-se ao abrigo do mal carnal, e o caminho escolhido pelo rapaz é o da dedicação aos estudos. Crê o jovem que a imersão em uma rotina obsessiva de estudos equivalha a um mecanismo de defesa eficaz contra a corrosão que a inclinação aos prazeres carnis instala contra a pureza humana. Tenta também o trabalho incessante com os textos bíblicos como uma alternativa para resguardar-se da intervenção do Demônio. É de esperar que essa opressão autoimposta não garanta resultados reconfortantes, mas conduza o personagem a uma pressão insuportável, que começa a encontrar, em atos violentos, a vazão necessária.

O episódio em que, ao renunciar aos detalhes sórdidos de uma narrativa sobre casos amorosos, fere Mac Allister com um cinto, confirma que a crescente repressão de Joseph não consegue mais manter-se às ocultas e impele o personagem a extravasá-la, sob a forma de ira e agressão física:

Nesse mesmo instante, começou a mover-se sobre a cama de forma tão eloquente que Joseph sentiu que lhe ardiam as orelhas. Sem responder,




retirou o cinto preto que lhe apertava a cintura e com esse chicote na mão, levantou o braço de repente. Da mesma forma como no bosque, quando havia golpeado a árvore com o galho, teve a impressão de que seu braço atuava por si mesmo. A tira de couro silvou, cortando o ar morno e caiu sobre o ombro de Mac Allister, que caiu da cama com um grito. Outro golpe de correia mordeu-lhe as pernas e arrancou-lhe outro grito de raiva e de dor. (GREEN, 1951, p. 95, tradução nossa)

Mac Allister personifica, para Joseph, o “filho de Belial” (GREEN, 1951, p. 95, tradução nossa), o pecador dado à fornicção execrado pela Bíblia e, conseqüentemente, deve ser punido para que não contamine outras almas com a submissão ao “instinto sexual” (GREEN, 1951, p. 104, tradução nossa).

Se, na primeira parte do romance, Joseph, auxiliado por um pensamento religioso limitador, consegue manter-se à parte das questões carnis, à medida que a trama avança vê-se crescentemente aprisionado pelo instinto sexual renegado, problema enfrentado, em sua opinião, por todo cristão verdadeiro. Essa é a mensagem inculcada em seu espírito pelo puritanismo do pai, que sempre lhe ensinara que o corpo conduz irrevogavelmente ao inferno. Por mais que agora se esforce para manter-se concentrado na leitura das páginas bíblicas, “os ruídos da casa” (GREEN, 1951, 119, tradução nossa), isto é, os apelos do mundo exterior agem sobre os sentidos de Joseph, distraíndo-o e incitando-o a uma fruição sensualista, à qual o rapaz reserva novamente uma postura de negação.

O intenso dilema vivido por Joseph divide-o entre uma religião fria, distanciada dos verdadeiros desafios da condição humana, e a possibilidade de fruição dos prazeres imediatos e mundanos. Daí seus constantes desentendimentos com os colegas da universidade, movidos por um sensualismo que lhes torna possível a descoberta *in situ* das mazelas da vida.

Os eventos mais significativos que operam mudança na inicialmente rígida postura de Joseph correspondem aos diversos diálogos entre os estudantes que, por habitarem quartos contíguos, permitem que ele ouça as suas aventuras no bordel local. Em um primeiro instante, o que move Joseph é a negação de interesse por tais assuntos de ordem sexual, mas, com o avanço do enredo, as narrações dos colegas passam a pungir seu espírito, que custa a reconhecer-se curioso a respeito das aventuras com mulheres. Defensor de uma religião em “estado selvagem” (GREEN, 1951, p. 74, tradução nossa), Joseph, desesperada e impetuosamente, cobre os ouvidos, a fim de abster-se dos relatos



impudicos de colegas que sabem ser ele virgem e que o comparam a um anjo, figura andrógina, desprovida de qualquer sexualidade aparente.


O desenrolar dos fatos é paradoxal: quanto mais Joseph quer afastar-se de questões carnis, mais atrai o desejo de personagens como Simon, que é descrito sugestivamente como homossexual e que morre ao limpar uma arma de fogo. Simon tenta, algumas vezes, declarar-se a Joseph, mas realiza a iniciativa de uma maneira tão sutil que não chega a ser compreendido imediatamente pelo ruivo. Desprezado em seus sentimentos, Simon abandona a universidade e é posteriormente encontrado morto, não se sabe se por suicídio ou por acidente.

Na segunda parte da obra, Joseph finalmente se encontra com Moïra, filha adotiva de Mrs. Dare, e, interessado em conservar-se próximo a David e apartado das tentações da casa de Mrs. Dare, decide mudar-se para a casa de Mrs. Ferguson, onde não existem estudantes desordeiros. O primeiro encontro entre Joseph e Moïra reveste-se de tensão, posto que a moça – de “brancura quase violácea”, de “grandes olhos cor água do mar”, “vestida de vermelho como a prostituta do Apocalipse” – escarnece do recato de Joseph, que lhe parece um “bebê” (GREEN, 1951, p. 145-149, tradução nossa).

O encontro com Moïra consegue desestabilizar a suposta rigidez moral de Joseph e o rapaz, por mais que evite e negue, não consegue abster-se de pensar na fornicção. O relato das aventuras amorosas, por parte dos colegas, limitava esse pecado ao plano da abstração, mas a entrada da filha de Mrs. Dare em cena aproxima Joseph da real transgressão, ou seja, da materialização da falta.

O ápice do romance consiste no estratagema feito pelos colegas da universidade que pagam Moïra para ir ao quarto de Joseph e submetê-lo à relação sexual, de modo a dissolver, dentre todos, a imagem irrepreensível do estudante. Joseph permanece no aposento com Moïra, reprime os desejos sexuais que possui e, enquanto pode, não se submete ao sexo.

Apesar de seu desejo reprimido converter-se temporariamente em ira, Joseph não mais pode negar sua atração por Moïra e, então, após uma luta animalesca, relacionam-se carnalmente. Segue-se, ao ato sexual (narrado com o decoro greeniano), a tomada de consciência da culpa e da transgressão e, atormentado por seu *modus vivendi* fundamentalista, Joseph assassina a mulher responsável por tê-lo convertido em um protestante maculado.



Em síntese, o motivo da violência, na obra, desenvolve-se pela inserção de agentes de opressão externos (religião e moral) que insistem, sem êxito, em promover uma dissociação entre espírito e corpo. Apesar de o episódio da febril relação sexual com Moira nos indicar a impossibilidade de disjunção permanente e integral, a opressão espiritual mantém-se, e Joseph, atormentado pela culpa de ter se rendido à fornicação, encontra, no assassinato da jovem prostituta, a expiação de seu ato abominável.

O crime, na visão de Joseph, não é mais intolerável do que a submissão ao instinto sexual e, ao asfixiá-la, arremessar seu corpo inerte dentro de uma vala e deixá-lo para ser coberto e escondido pelos flocos de neve, crê que proporciona a possibilidade de remissão das faltas à jovem pecadora.

O romance, que culmina na consumação do assassinato de Moira, pode finalmente ser mais bem compreendido quando consideradas as arestas que evidenciamos neste trabalho. Embora o próprio Julien Green anuncie, na nota introdutória ao romance, que a escolha do prenome Moira tenha se justificado pelo seu desejo de adotar a forma irlandesa do nome Maria, também o escritor quer nos fazer acreditar que jamais buscara relacionar o nome da personagem às três divindades gregas que fiavam o Destino dos homens.


No entanto, considerar a conotação mitológica da palavra Moira é indispensável para a leitura da obra porque o personagem feminino com que Joseph Day contracena é o agente responsável pelo cumprimento da sina até então negada veementemente pelo jovem, qual seja, a de repetir (numa espécie de maldição familiar), o destino de seu pai:

Meu pai é muito... irascível, ainda agora. Quando era jovem se encolerizava com frequência. Então, não sabia o que fazia. Um dia teve uma briga com um forasteiro por causa de... por causa de minha mãe. Meu pai se lançou sobre ele e o teria matado, mas o outro era muito mais forte. Era um jovem polaco que buscava trabalho em outra região. Golpeou meu pai violentamente nos olhos com os punhos, nos dois olhos... (GREEN, 1951, p. 137, tradução nossa)

Joseph é herdeiro de um patriarca valentão e, durante toda a obra, luta contra o principal legado de seu pai, ou seja, a têmpera exaltada que o imerge frequentemente em ataques de ira que promovem a suspensão das faculdades racionais. Tanto pai quanto filho se descobrem, desde a juventude, vítimas de uma fúria que lhes deixa figurativamente cegos.

O protagonista do romance, como temos afirmado, empenha-se em sufocar os vícios herdados do pai, mas é Moira o agente feminino de dissolução que, à maneira das





Parcas, assegurará a realização da sina reservada a Joseph. Green impiedosamente obriga, ao personagem, o cumprimento de um Destino inalterável, a despeito das tentativas de fuga levadas a cabo por Joseph.<sup>1</sup>

Em nível mais amplo, a travessia do jovem em direção ao seu Fado dialoga com a concepção calvinista da predestinação, segundo a qual existe uma fração da humanidade à qual será garantida a salvação e outra parcela que será condenada. O autor instala, portanto, um primeiro dualismo ao aludir a uma leitura de mundo mitológica (pagã) e ao alocar, ao seu lado, uma leitura pertencente à cosmovisão protestante (religiosa).

A violência física, na obra, instala-se como iniciativa de purificação e, apesar de converter-se em criminoso, Joseph tem argumentos atenuantes em seu favor, como a restrição ideológica opressora dentro da qual foi criado. Sua cegueira religiosa não abre espaço para uma compreensão teológica metafórica, humanizada. Também a ironia de Green problematiza a eventual incompatibilidade entre a formação intelectual e a expansão da visão de mundo.


Todos os demais dualismos construídos por Green, na obra (ex.: fogo  $x$  neve, comportamento de prostituta  $x$  aparência de virgem, expansão intelectual  $x$  cegueira religiosa), são escolhas estéticas por meio das quais se exploram e se questionam dois principais tipos de violência comuns à literatura gótica, quais sejam: a espiritual e a física. A mensagem perene de Green é que o corpo pode apresentar-se como obstáculo ao cumprimento do puritanismo religioso, porquanto nos impõe dilemas que devem ser encarados e superados.

O motivo da violência, na obra, fomenta reflexão sobre um ponto crucial à doutrina cristã, qualquer que seja a vertente (católica ou protestante) que se adote para escapar-se da encruzilhada: o Mal, na natureza humana, é decorrente do livre-arbítrio ou do pecado original? Green lança seus personagens no palco, submete-os a mazelas e, a distância, observa-os com um sorriso enviesado, denunciando ironicamente o fato de que a religião parece incapaz de tornar os homens melhores e deixá-los confortáveis existencialmente. As instituições são vazias e os rótulos, igualmente opressores.

Após o crime cometido por Joseph, é justamente seu inimigo Bruce Praileau que decide estender-lhe humanamente a mão e propor-lhe fuga. No entanto, seu orgulho

---

<sup>1</sup> A ideia da inexorabilidade do Fado é reforçada por Green ao designar, ao pai de Joseph, um destino que dialoga com o mito de *Édipo Rei*, de Sófocles.



sulista grita novamente mais alto e, para se manter isento de qualquer dívida com seu rival Praileau – neste caso, a dívida que seria contraída para conquista de sua liberdade –, decide entregar-se à polícia. Afinal, o prêmio pelo qual Joseph se mostra ávido não está neste mundo, mas na certeza de que será agraciado por Deus, que testemunhou o desejo do garoto de salvar, pela morte brutal, a alma corrompida de uma Jezebel.

### **Referência bibliográfica**

GREEN, Julien. *Moira*. Traducción de Silvina Bullrich. Buenos Aires: Emecé Editores, 1951.